



APRESENTAÇÃO

Afinal o que é ser Mineiro?

O Mineiro é um ser de múltiplos adjetivos: discreto, sóbrio, amante da liberdade, caladão, desconfiado, ...

Seria o Mineiro um ente diferente na multiplicidade étnica que compõe o povo brasileiro, um mito uma realidade?

As indagações ficam sem resposta e são objeto de permanentes estudos e pesquisas de antropólogos e cientistas e continuam sendo instrumento de inspiração de poetas e escritores.

Enquanto isso, o Mineiro ouve, silencioso, não diz que sim e nem que não, não aprova e nem desaprova, muito antes pelo contrário.

Da mesma forma que os mineiros, Minas Gerais é pródigo em qualificativos: Alterosas, Estado Montanhês, Chave da Abóbada, Suíça Brasileira, Coração do Brasil, Capitania do Ouro, a Heroica Província, Formosa Província.

De fato, o que se observa é que Minas Gerais ocupa singular posição no quadro federativo brasileiro. Mediterrânea e central, desde cedo atuou como pólo de aglutinação das características nacionais.

Influenciada pelos povoadores que lhe chegavam pelo sul, pelo norte e pelo leste, foi natural que Minas herdasse deles a vocação de se projetar em suas terras, após um processo de sedimentação de suas novas características sociais, marcadas pela influência das montanhas. Talvez seja essa uma das explicações mais aceitáveis para uma das feições do mineiro, hoje e sempre presente em diversos Estados. Sua contribuição a essas regiões se marca pela posição ali ocupada por muitos de nossos conterrâneos.

“Poetas de doce memória, valentes heróis imortais, todos eles figuram na história do Brasil e de Minas Gerais.”

O SESC MINAS GERAIS tem pautado sua atuação no campo da cultura, em projetos de resgate da memória das autênticas manifestações do povo das Minas Gerais, procurando permitir que os registros históricos não se percam no tempo.

Nesse sentido, dentre outros projetos, tem o SESC de Minas Gerais estimulado a publicação de livros, folhetos, etc., que registrem traços da cultura do mineiro, suas crenças, hábitos, modos de agir, pensar, enfim, procedimentos que caracterizam seu cotidiano.

Essas publicações são, sempre, distribuídas gratuitamente, principalmente para escolas de primeiro e segundo graus, em todo o Estado de Minas Gerais, contribuindo assim para que jovens e adolescentes tenham acesso a essa cultura mineira, de maneira sistematizada, e, quem sabe, também, no futuro, colaborar para que essas manifestações culturais não sejam esquecidas, eis que, em verdade, são parte integrante da personalidade do povo de Minas Gerais.

Com a publicação da coletânea de textos alusivos à mineiridade, intitulada: “AFINAL, O QUE É SER MINEIRO?”, esta Entidade continua a praticar o seu compromisso com a preservação dos fatos culturais do povo mineiro.

AFINAL, O QUE É SER MINEIRO?

Ser mineiro é esperar pela cor da fumaça.

É dormir no chão pra não cair da cama.

É plantar verde pra colher maduro.

É não meter a mão na cumbuca.

É não ter passo maior que as pernas.

É não amarrar cachorro com linguiça.

Porque mineiro não prega prego sem estopa.

Mineiro não perde trem.

Mas compra bonde.

Compra.

E vende pra paulista como locomotiva.

O mineiro é um nômade.

Primeiro em sua própria terra.

Mas o mineiro não emigra como o nordestino,
com a intenção de voltar.

Como um índio, quando o mineiro parte,
leva a família, os animais, as sementes,
a saudade e um pedaço de queijo.

Dos bandeirantes, o mineiro recebeu

o amor à independência,

a altivez, a energia e a tenacidade.

O mineiro é montanhês, desconfiado e contemplativo,
cauteloso e frio, lento e impassível.

Aos pregoeiros de novidades e grandezas,
responde com um risco de ironia
ou balança os ombros: “Hum!”
Dos judeus tirou, ou melhor, herdou os hábitos e poupança:
- ... Como vão as coisas?
- ... Mais ou menos, pelejando!
Mineiro não diz que está “tudo bem”,
senão vão lhe pedir dinheiro emprestado.
Sê besta sô!

Antes de organizarem bancos
e se tornarem exímios banqueiros e agiotas,
os mineiros já tinham o hábito de pôr
dinheiro no colchão.

Evém o mineiro.
Conheço pelo jeito, pela maneira de falar
e de se situar perante o mundo.

O mineiro é desconfiado, introvertido, tradicionalista.
Concilia a ingenuidade com a perspicácia.
É muito econômico e,
paradoxalmente, extremamente hospitaleiro.

- ... 1000 mineiros não causam o incômodo
de 10 baianos.
Os mineiros não gritam, não empurram, não impõem suas
opiniões (guardam-nas pras horas certas).
- ... O importuno é chamado “entrão”!
- ... E quando mineiro enfeza, caixão sobe de preço!
Sendo assim, o mineiro há.
Essa raça ou variedade que,
faz tempo, acharam que existia.

Se esse mineiro existe,
tem de falar um idioma próprio, restrito.

- ... Até falo e escrevo o mineiro muito bem;
- ... É uma língua sem segredos para mim.

A mulher e os meninos na estação de trem:

- "... Mininos, pega os "trem" que lá vem a "coisa"!

São tantas as Minas, porém o contudo uma.

- ... O que determina o mineiro, este homem em estado minasgerais?
- ... Um estado de nariz imenso, um estado de espírito, um jeito de ser:

Manhoso, ladino, cauteloso, desconfiado.

Prudência e capitalização.

Se olhar no dicionário, mineiro é sinônimo de:

Acanhado, afável, amante da liberdade,

amante da ordem, anti-romântico (?),

benevolente, bondoso, caladão, comedido,

canhestro, cordato, confia-desconfiando,

disciplinado, desinteressado (?),

escrupuloso, econômico, equilibrado...

Os mineiros quando se encontram na rua,

eles se detém um instante e

- como duas forminguinhas que se cumprimentam –

cumprem um rito exclusivamente mineiro:

ficam sussurando.

O mais que eles falam é segredo mineiro:

suspeita-se que debaixo do maior sigilo,

comentam sobre:

"as gentes" da Bahia,

"as coisas" do Riojaneiro,

"uns trechos" do Sumpaulo,

e outros "países" estranhos

e certamente bárbaros.

Tramam ocupar novos territórios

No Espritosanto
ou sonham com um porto do mar.

- Quem sabe o que eles conversam...

O mineiro é um
silencioso, precavido,
confidente, manifestante,
afetuoso, enrustido,
hospitaleiro, manhoso,
introvertido, murmurante,
simplório, memorialista,
canhestro, recatado,
ladino, cauteloso.

- ... O mineiro é um pão-duro!

- ... Meu filho, ouça bem seu pai:
se sair à rua, leve o guarda-chuva,
mas não leve dinheiro;
se levar, não entre em lugar nenhum;
se entrar, não faça despesa alguma;
se fizer, não puxe a carteira;
se puxar, não pague;
se pagar, pague somente a sua;
e não esqueça o troco.

O mineiro é um biógrafo de sua sociedade
como se fosse um autobiógrafo de si mesmo.

Mineirismo, Mineirice, Mineiridade.
Não gosto muito da expressão mineiridade,
prefiro mineirice,
que me lembra mais um golpe, uma rasteira.
Mineiridade é coisa muito solene,
parece brasilidade, lembra Hino à Bandeira.

- É bom mesmo o cafezinho daqui, meu amigo?
- Sei dizer, não senhor: não tomo café.
- Você é o dono do café e não sabe dizer?
- Ninguém tem reclamado dele, não senhor.
- Então me dê café com leite, pão e manteiga.
- Café com leite só se for sem leite.
- Não tem leite?
- Hoje, não senhor.
- Por que hoje não?
- Porque hoje o leiteiro não veio.
- Ontem ele veio?
- Ontem não.
- Quando é que ele vem?
- Tem dia certo, não senhor; às vezes vem, às vezes não vem. Só que no dia que devia vir, em geral não vem.
- Mas ali fora está escrito "Leiteria".
- Ah, isto está, sim senhor.
- Quando é que tem leite?
- Quando o leiteiro vem.
- Tem ali um sujeito comendo coalhada. É feita de que?
- O que: coalhada?
- Então o senhor não sabe de que é feita a coalhada?
- Está bem, você ganhou. Me traz um café com leite sem leite.
- Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na sua cidade?
- Sei dizer, não senhor. Eu não sou daqui.
- E a quanto tempo você mora aqui?
- Vai pra uns 15 anos. Isto é, num posso agarrar com certeza: um pouco mais, um pouco menos.
- Já dava pra saber como vai indo a situação, não acha?
- Ah, o senhor fala a situação? Dizem que vai bem.
- Para que partido?
- Para todos os partidos parece.
- Eu gostaria de saber quem é que vai ganhar a eleição aqui.

- Eu também gostaria. Uns falam que é um, outros falam que é outro.
- E o prefeito?
- Que é que tem o prefeito?
- Que tal é o prefeito daqui?
- O prefeito? É tal e qual falam dele.
- E o que é que falam dele?
- Dele? Uai, essas coisas que falam de tudo quanto é prefeito.
- Você certamente, já tem candidato.
- Quem eu? Tô esperando as plataformas...
- Mas tem ali o retrato de um candidato pendurado na parede, que história é essa?
- Aonde, ali? Ué, gente: penduraram isso aí...

Dos mineiros ainda se poderá esperar também, quiçá,
o equilíbrio, a ponderação, a palavra de paz,
o desejo de síntese, a lógica e a verdade...

Nossa proclamada habilidade (muito exagerada)

Nossa discreta prudência (nem sempre real)

Nosso equilíbrio (às vezes fictício)

Nossa malícia (frequentemente inventada)

Compõem um todo que chama atenção

(mas provoca desconfiança)

Montes Claros dá toucinho

Bocaiúva dá feijão

Buenópolis dá dinheiro

Diamantina dá pifão.

Mas todos os princípios se desmoronam diante de

um lombo de porco com rodela de limão,

tutu de feijão com torresmo,

lingüiça frita com mandioca...

De sobremesa: goiabada cascão com queijo palmira.

Depois: cafezinho requentado com requeijão.

- Aceita um pão com queijo? Biscoito de polvilho? Uma brevidade? Ou quem sabe uma broinha de fubá?
- Não, dona, obrigado. As quitandas me apetezem, mas prefiro um golinho de “januária”, ou um desses licores, e pronto! Estou “satisfeito”...

Depois da refeição vem uma preguiça danada,
uma vontade louca de ficar esticado na cadeira de descanso,
sem um movimento, sem um pensamento:

- ... 2 é bão, 3 é comício.
- ... Devagar que eu tenho pressa.
- ... Mais vale um pássaro na mão...
- ... Se melhorá, piora.
- ... Êta, vidinha mais ou menos.

- Afinal, que é o mineiro?
- Mineiro? é aquele que:
- não fala, cochicha;
- não olha, espia;
- não presta atenção, vigia só;
- não espera, vai andando;
- não conspira, combina;
- não diz, sussurra;
- não se vinga, espera;
- não ataca, tocaia;
- não dorme, cochila;
- não conversa, confabula;
- não dá, empresta (a juro);
- não enlouquece, piora;
- não pensa, matuta;
- não tem patrão, tem padrinho;
- não acredita, desconfia que;
- não senta, encosta;
- não acusa, confidência;

descubraminas.com

- não responde, sacode o ombro;
- não bebe, toma;
- não come, mastiga;
- não treme, arre pia;
- não relaxa, espreguiça;
- não guarda, esconde;
- não procura, acha;
- não poupa, junta;
- não pergunta, especula;
- não cai, escorrega;
- não corre, atalha;
- não convive, mora junto;
- não vive, vai levando;
- mineiro não morre, passa.

- ... E o que é que você deduz da vida?
- ... A vida... Hum... a vida é um sutiã!
- Por quê?
- Porque a gente tem é que meter os peito!

É, então o mineiro há, uai!

OS DIAMANTES DE MINAS

Minas pra mim é o chão de ver revendo; de curtir comendo suas comidas coloridas de urucum; de procurar no mercado queijo do Serro, que não tem mais. Só vendem imitações e uma coalhada dura do gosto dos cariocas. Minas é meu lugar de ver as mineiras com seu erotismo disfarçado mas veemente. De descer buracos fundos como o de Morro Velho; de subir morrarias abruptas como as que cercavam Belo Horizonte e os japoneses comeram. Minas, para mim, é lugar de procurar o riozinho Tripuí, onde um negro antigo descobriu as primeiras pepitas de ouro preto. De passagem dá para ver Ouro Preto, Mariana, Congonhas e outras criações que os mulatos mineiros obraram para nos embasbacar.

Mas Minas é também terra de me entristecer muito demais, vendo minha pátria verde ficar careca porque a canalha derruba todo o pé de pau para fazer carvão. É sofrer solidário a penúria do povão mineiro do rio São Francisco cheio de surubim e piaba, atravessando desertos antiquíssimos. Agora os querem molhar para plantar melão e uva. Minas é a praça da Liberdade, onde eu flertava com as mocinhas em flor, antes de fugir para São Paulo. Lá pusemos uma placa para o governador: “É proibido comer grama”. Minas é Barbacena, onde eu tinha uma tia louca muito engraçada, que morreu. Agora a cidade só cuida do plantio de rosas alemãs. Escandalosas.

Minas, apesar de tudo, ainda há, oh Carlos. Antes de morrer, quero ver Diamantina, andar nos seus pedrais colhendo flores secas que só lá tem. E Montes Claros, que no meu tempo tinha 3.000 moradores e agora tem 300 mil – a coitadinha afogou-se em gente. Felizmente ainda tem a carne-de-sol de dois pêlos, que meu irmão me manda, meio falsificada. E Teófilo Otoni também, com suas duas belas preguiças, espreguiçando na praça Tiradentes, e o povo espreguiçando ao redor, buscando pedraria de enganar baiano.

Minas é Belo Horizonte, cidade engenheiril, feita a teodolito, com suas retas de deor do princípio ao fim, desconhecendo a morraria.

Minas é sobretudo meu chão que me acende de furor pátrio-mineiro, lembrando Filipe e Tiradentes. Um dilacerado por quatro bestas; o outro enforcado e esquartejado. Morro de inveja deles. Quisera ser mártir.

O que me exalta mesmo é o Aleijadinho, autor das coisas mais bonitas que Minas viu. Inclusive a cabeça de Isaías, o da boca queimada pela palavra de Deus. Nunca provei nem brasas dessa verdade. Queria mesmo era escrever um livro mostrando que Aleijadinho nunca foi aleijado coisíssima nenhuma. Era um homão bonito e namorador.

Coisas todas, como você vê, de recordar, rever e curtir, não de escrever sobre.

Darcy Ribeiro - Antropólogo e Escritor

MINAS É A MÃE.

BENÇA, MÃE.

O jeito mineiro de ser é o quê? E por quê? P ser mineiro é um modo particular de ser que pode ser descrever mas que é difícil de se entender. É mais para calado que falante. Quem fala muito dá bom-dia a cavalo, dizia minha mãe para conter meu ímpeto falatório. Quem fala se expõe, se arrisca, pode parecer bobo, meio idiota, exibido, ridículo. Mineiro morre de medo do ridículo, de ser gozado, criticado.

Quer matar um mineiro? Ria dele! Por isso todo mineiro toma a iniciativa da gozação. Chega, fica num canto e arranja logo alguém para gozar. É capaz até de tomar a iniciativa de gozar de si próprio para não ser gozado por outrem. Falar mal de alguém é um modo de se proteger da fala do outro. Mas falar mal pode até ser um modo de falar bem, porque o pior é não ser falado. Cair no olvido.

Fica calado e fica quieto. Gesticular também não dá, pode parecer espalhafato, teatro, representação. Quem se mexe desperta atenção, instiga a caça, fica vulnerável, na mira do ataque. Ficar quieto, fingir de morto, no silêncio, na tocaia de si mesmo, protegido do outro. Mineiro que veio do mato sabe de caça e caçador. Milton já cantou, o caçador de mim.

Mineiro não abre a guarda, não mostra a casa, não exhibe riqueza, não grita da janela, não sai correndo de jeito nenhum e de lugar nenhum. Chega devagar, fica devagar e são mais devagar ainda. Tem que se proteger de algo.

Mineiro olha de cima mas não por cima. Mineiro falante veio de fora. Mineiro direto, aberto e agressivo é desvio de rota, não é o caminho normal. Mineiro é ético, não se arrisca no roubo, no assalto, na aventura. O erro pode não dar certo. Mineiro é mais da ordem, do caminho percorrido, conhecido, estabelecido. É mais *status quo* que mudança de *status*. É mais terno que manga curta, mais sapato que tênis, mais automóvel que carro esporte. Mais casamento que caso fora de casa. Mais café preto que chás variados.

Já a maneira é tudo isso que mineiro é e muito mais. Se pede com olhar, se esconde com recusa. É mão mesmo quando não tem filhos. Até os 20 é um pecado. Depois é muito mais. Transpira todos os pecados numa virtude só. Surpreende e depois te esquece. Te ama com paixão e te deixa sem dó nem piedade. Vasta pôr os óculos escuros ou mesmo *ray-ban* que vira outra, sem remorso. Porque a mineira não se reduz ao mineiro, foi muito além. Maneira é ótima, diferente dos demais seres humanos, vem de um fundo que ninguém sabe, de um interior que não tem mapa, fronteiras desconhecidas.

E tudo isso pode ser visto e sentido, não explicado. Pode ser descrito mas não fundamentado. É porque veio do interior ou nunca saiu de lá. É porque sempre foi camponês e se escondeu detrás das serras e dos montes. É porque foi judeu-novo, migrante corrido, foragido desconfiado do que chega atrás de suas origens. É porque teme a Deus e conversa com o Diabo. É porque não tem certeza do certo e duvida do duvidado. Gosta do reverso e começa tudo pelo contrário torcendo para dar certo. É porque se ri do moderno porque sabe que tudo no fundo mesmo é mesmo muito antigo, sempre renovado.

Mas por que tudo isso, de onde veio e para onde vai? Ninguém vai saber porque não se fala, se olha e se ri como se tudo já tivesse sido dito. O sabido do ignorado.

Se um dia o Brasil acabar, Minas continua. Tem Horizonte para tal, tem substância para dura, tem ainda muitos casos para contar, distâncias a percorrer, pecados a explicar, contas a fazer, saudades a matar. (...)

Minas vive em dívida consigo mesma, fazendo promessas para pagar. É sua forma de ser eterna nesse trivial do cotidiano. Vive sangrando minério, exportado seu ser para o mundo, em silenciosos trens que não param de ir sem nunca mais voltar. Levando Itabira, Conselheiro Lafaiaete. Montanhas. Minas é o quinto lugar do mundo que exporta montanhas e não fica rica.

Por tudo isso é que quando tenho vontade de rever o Brasil vou a Minas Gerais (...) E volto cheio de mim, carregado de coisas, como se tivesse mergulhado no

tempo e me perdido no espaço, virado de repente um ser planetário vivendo no interior do mundo.

Minas para mim tem várias cidades e poucos endereço: é Bocaiúva, Neves e Belo Horizonte. É rua Ouro Preto e Ceará. A primeira mudou de nome, na segunda sumiram com minha casa. Minas na verdade hoje é mil amigos que não vejo e minha mãe. Bença, mãe.

Hebert de Souza - Sociólogo

CANTO TRIUNFAL DE MINAS GERAIS

Minas Gerais é a terra da grandeza.

Minas Gerais é a terra da beleza.

Minas Gerais é a terra da riqueza.

Minas Gerais é a terra da nobreza.

Minas é grande.

pelo extenso domínio em que se expande,

pelas altas montanhas que a coroam,

pelos vales que os pássaros povoam,

pelos sertões sem fim, Minas é grande!

Minas Gerais é bela.

Seu horizonte é a mais formosa umbela,

com que o céu já cobriu humanos seres.

São jardins suas matas e campinas,

flores suas mulheres, seu sol dourado. Como é bela Minas!

Minas Gerais é rica,

porque possui inédito tesouro,

e com um peito de ferro e entranhas de ouro

e tendo o mais que a indústria vivifica,

de luz, calor e força, enorme oferta

e a energia mineira que a desperta,
Minas é rica, imensamente rica!

Minas Gerais é nobre.
Não há nos seus melindres quem a dobre.
Mas ninguém se comove mais do que ela,
para o seu coração quando se apela.
Sob o modesto véu com que se cobre,
ou na luta ou na paz, Minas é nobre!

Minha terra natal! Meu templo augusto,
de meus avós e pais, berço e jazigo.
Amo o Brasil, porque aprendi contigo,
meus avós e meus pais,
a ser honesto, patriota e justo,
minha terra natal, Minas Gerais!

Augusto de Lima - Escritor

SER MINEIRO É UMA BÊNÇÃO DE DEUS, UAI

Mineiro que vai, mineiro que fica, mineiro que vem – tudo é mineiro, uai. Tudo é sonhador. Porque o que, primeiro, define o mineiro é a busca do sonho impossível. É este dar a vida por um sonho ou uma quimera.

Pelo sonho da liberdade, Felipe dos Santos foi arrastado nas patas de um cavalo.

E se pudesse gritar, gritava, como quem grita o nome da mulher amada:
- Liberdade!

Pela quimera da liberdade, essa amante tardia, que chega sempre depois da hora (embora um dia sempre chegue), Tiradentes deu a vida e se mais vidas tivesse, mais vidas daria à amante única.

O mineiro Santos Dumont, na busca do impossível, deu asas ao sonho humano de voar.

O mineiro Juscelino plantou uma cidade de concreto no cerrado como se plantasse uma flor.

Já o mineiro Édson Arantes do Nascimento, Pelé, sempre perseguiu o impossível: fez mais de mil gols, sempre por tortuosos caminhos. Perseguiu o difícil. Nada do drible fácil. Nada de gol que não provoque um incêndio na alma. E perseguiu aquele que seria o gol impossível, que nunca fez: surpreender o goleiro com o chute de meio-de-campo, encobrindo-o e fazendo-o pisar a grama que o diabo plantou – enquanto ele, Pelé, mineiro e São Tomé, sempre precisando ver para crer, iria festejar, dando um salto da alegria e esmurrando o ar.

Que fez o mineiro Ivo Pitanguy senão realizar o sonho impossível, decretando a eterna juventude na mágica do seu bisturi?

Mineiro é religioso, mesmo quando ateu.

Mineiro tem sempre um sino tocando dentro do peito.

Tem sempre uma procissão passando, com beatas cantando desentoadas, na sua memória.

E se o mineiro não fosse assim, acima de tudo um devoto, teria conspirado contra Deus, que deu a Minas esta valentia, esta determinação, esta busca do sonho, onde o sonho estiver, mas privou Minas do mar tão desejado. Se Minas tivesse mar, isto aqui seria o paraíso. Mas como não dá para transformar os rios em mar, o mineiro planta sonhos como se plantasse uma roça de milho.

Acho que toda manhã o mineiro deveria ajoelhar-se em dois bagos de milho, à moda das beatas do interior de Minas, e rezar assim:

- Obrigado, Senhor, por fazer de mim um mineiro.

O mineiro é uma lenda? É um folclore? É ficção? É mentira pura? É o fato? É a versão do fato?

Os invejosos, os que não receberam a dádiva divina de em Minas nascer, gostam de folclorizar o mineiro. Aí dizem:

- O mineiro está sempre em cima do muro!

Mas eu pergunto:

- Tiradentes estava em cima do muro?

Mais uma vez pergunto:

- Juscelino, que enfrentou os militares, que vetaram sua candidatura, e depois foi cassado, aprisionado, exilado, alguma vez estava em cima do muro?

Reza o folclore que o mineiro é pão-duro. É sovina. Ama o dinheiro. Ama criar bancos - e aqui já não é folclore, é verdade. Dizem que o mineiro típico nunca abre a mão. Mas eu acrescento: quando o mineiro abre a mão, está lá, tatuado por Deus na palma que é a sua alma, o orgulhoso “M” de Minas. Porque o mineiro é orgulhoso. E onde estiver, em Belo Horizonte, São Paulo, Rio, Brasília e nas estradas do mundo (EUA, Austrália, Portugal, Canadá), ele carrega o orgulho de ter nascido nestas Minas Gerais.

O mineiro ama conspirar, como ama comer pão de queijo ou torresmo.

Em Minas (se alguém já disse, eu confirmo) há sempre uma conspiração em curso. Altaneiro, mais que amigo: amante da liberdade, é um criador de auroras e aleluias. Não abaixa a cabeça para os tiranos. Não se dobra como uma árvore dobra. E tem um lema caro em nosso coração, que determina nossa conduta:

- De joelhos, só diante de Deus!

Roberto Drummond é jornalista e escritor de idade desconhecida e não revelada. Autor do romance Hilda Furacão e Cheiro de Deus (em produção)

A MINEIRIDADE AO PÉ DO OUVIDO

“O Mineiro só é solidário no câncer.”

Paulo Mendes Campos – Não, isso não é absolutamente verdade. Essa frase teve origem numa conversa minha com o José Sette Câmara, quando ele me disse que tinha vindo a Belo Horizonte, onde seu pai estava muito mal, e pessoas que nunca o procuraram passaram a procurá-lo porque seu pai estava morrendo de câncer. Eu contei isso pro Otto e Otto imediatamente fez a frase, que é uma frase de momento e não quer dizer absolutamente nada. A frase pode ficar assim: o ser humano só é solidário no câncer. Pelo contrário, o mineiro é muito solidário, muito afável.

“A Mineirice existe mesmo ou é ficção? Ou o mineiro faz tanta ficção por ser mineiro?”

Pedro Nava – Estou gostando de ver esse termo mineirice, porque eu tenho impressão que ele foi cunhado por mim, numa entrevista que dei há muitos anos. Quando falaram em mineiridade, eu disse: não simpatizo com o termo, eu prefiro mineirice ou mineiragem. Mineirice quando é pra bem; mineiragem é pra mal. A mineirice existe, é uma maneira de ser com características fortes, é uma incisão em pedra.

“O Mineiro e o deslumbramento com o mar...”

Paulo Mendes Campos – Isso realmente existe e agora a gente percebe esse deslumbramento em termo de massa, com a mineirada toda indo para as praias do Espírito Santo nas férias. Eu e um amigo meu estávamos em Guarapari uma vez e esse amigo me disse: aposto que em 10 automóveis encostados aqui, sete são de Belo Horizonte. Ele começou a contar só de brincadeira e acabou descobrindo que em 10 de automóveis, 14 eram de Belo Horizonte. O mar realmente marcou os mineiros e deve ter sido uma influência muito grande dos colonizadores portugueses que entravam para o interior, contavam histórias sobre o mar e acabaram criando essa nostalgia do mar que é portuguesa.

“Até que ponto as montanhas condicionam e influem no espírito mineiro?”

Fernando Sabino – As montanhas são uma espécie de desculpa que o mineiro dá para não atravessar certas barreiras.

“O Mineiro e a literatura.”

Fernando Sabino – Combinam muito. A maneira mais expressiva do mineiro dizer alguma coisa de si é através da linguagem escrita.

“O Mineiro e a conspiração.”

Fernando Sabino – O mineiro não conspira, o mineiro confabula.

“O Mineiro e o silêncio.”

Fernando Sabino – O silêncio foi invenção do mineiro.

“Dizem que o José Maria Alkmin era a personificação do tipo mineiro. Respeitada essa versão, como ficariam Juscelino Kubitschek e outros.”

Paulo Mendes Campos – Não acho que o Alkmin o tipo acabado de mineiro, não. O Juscelino era um homem mineiríssimo, mas com um temperamento oposto, diferente, mais aberto, mais franco e era um político também. Eu prefiro o temperamento do Juscelino ao temperamento do Alkmin. Apesar de ser político mineiro, o Juscelino tinha uma vantagem: a gente conversava com ele e sabia a quantas andava. Do Alkmin não sabia nada.

“O Mineiro morando no Rio.”

Fernando Sabino – Continua mais mineiro, é talvez mais mineiro do que o mineiro que ficou.

“E aquela expressão do Guimarães Rosa: Minas, patriazinha.”

Fernando Sabino – Não estou me lembrando dessa frase do Guimarães, não, mas esta frase traz um fundo de ternura, é uma característica que o mineiro tem pela sua origem e um certo orgulho também.

“E a lenda de usura que envolve o mineiro? Estaria ligada às nossas raízes judaicas? Oliveira, Pereira, Ferreira são nomes que os judeus teriam adotado ao vir para o Brasil?”

Paulo Mendes Campos – Não acredito nisso não. Eu acredito muito mais na formação histórica de Minas, em que a riqueza mineira, a mineração, era um jogo. Isso acabou virando uma defesa muito grande e uma incerteza que é a incerteza do jogador. Então o mineiro começou a guardar para conservar o futuro. O Carlos Drummond dá uma justificativa também simpática sobre a usura mineira, dizendo que ela tem origem na grande vergonha que o mineiro tem de pedir dinheiro. Pra não pedir dinheiro emprestado, ele guarda dinheiro.

“Cite o menos mineiro dos mineiros.”

Pedro Nava – Eu não sei, acho que não existe não. Só uma aberração, o sujeito que nasceu aqui por acaso. Mas sendo mineiro, tendo convivido e vivido aqui algum tempo, ele leva suas características pra fora.

Fernando Sabino – O menos mineiros dos mineiros é aquele que faz questão de alardear sua mineiridade.

Paulo Mendes Campos – Essa é uma pergunta difícil. Eu posso dizer de um sujeito que exteriormente não é mineiro, mas lá no fundo é, feito Fernando Sabino. Exteriormente o Fernando não é mineiro, ele é um pouco cara-de-pau, quebra-galho, faz coisas assim exteriorizadas, mas no fundo é mineiro.

“O mais mineiro dos mineiros.”

Pedro Nava – Dos que eu conheci? O Emílio Moura. Esse era: nos costumes, na arte do pensamento, na vida e na simplicidade. E simplicidade dentro de um talento formidável, o que é difícil de encontrar.

Fernando Sabino – É aquele que ninguém desconfia nem que ele é mineiro.

Paulo Mendes Campos – Juntando uma série de características mineiras, sobretudo da Minas antiga, da Minas não-belo-horizontina moderna, é o Carlos Drummond de Andrade.

Se ser mineiro é um estado de espírito, que estado de espírito é esse?”

Pedro Nava – É um estado de espírito de teimoso, porque nós somos uma gente teimosa.

Fernando Sabino – É o estado de espírito daqueles que, segundo Guimarães Rosa, sabem escorregar pra cima.

Paulo Mendes Campos – É o estado do Espírito Santo.

Jornal do Shopping – edição de 02.12.79 - Reportagem de Maria Cristina Bahia

MINEIRIDADE: EXISTE? OU É PAPO FURADO?

Meu Deus do céu, será que além do (falso) enigma de Capitu, existe outro enigma a nos desafiar e a nos dividir? Pois é: parece que sim. Vira-e-mexe, alguém se lembra de perguntar pelo enigma mineiro. Você sabia que Minas Gerais é um enigma?

(...) Há quem diga que ser mineiro é nunca tocar neste assunto. Se você tenta dizer o que é Minas, Minas se esquiva, dá no pé. O Guimarães Rosa escreveu um texto clássico, muito citado, sobre as almas encapotadas que vivem em Minas. Mas o Rosa, se fosse outro o tema, também inventaria um texto bem rosiano e cheio de mistério, para dizer o que queria, ou não queria dizer. Desculpe se aparece aqui o meu umbigo, mas fui eu que encomendei esse texto ao Rosa.

Como todos os mineiros, ele também não escapou dessa fatalidade: tentou decifrar Minas. Então Minas, se precisa de ser decifrada, é mesmo um enigma. É e não é. Tudo na vida pede decifração, porque tudo esconde um enigma, agora verdadeiro, que se vê ou não se vê, segundo os olhos que olham e não segundo a coisa em si, a coisa olhada.

(...) Todos os mineiros já caíram nesse pequeno abismo de sondar o que ora é mineiridade, ora é mineirice, ora é mineirismo. O Pedro Nava escreveu sobre o “país do uai”. O Ziraldo não diz duas palavras sem falar uai, sô. Se encontrar o Fidel em Havana, vai dizer cem vezes uai, sô!

(...) Era a época da ditadura do Estado Novo e do “Manifesto Mineiro”, que pedia bem mansinho que houvesse eleição e o Brasil voltasse ao regime democrático.

Foi nessa época que surgiu a polêmica em torno de Minas. Provocada por quem? Ora vejam só: pelo Vinícius de Moraes! O Vinícius tinha recém-saído da polêmica em torno do cinema mudo.

(...) Em outubro de 1944, depois desse nosso bate-papo, o Vinícius escreveu no “O Jornal”, no suplemento literário, uma “Carta Contra os Escritores Mineiros”. Como subtítulo, botou entre parênteses: “Por muito amar”.

Depois de uma declaração de amor a Minas, em que eu entrei de tabela, e muito lisonjeado, o Vinícius fazia, entre outras, uma pergunta assim: “Por que vos recusais a pensar, escritores de Minas, além do pensamento de vós mesmo que vos ocupa todas as horas?”

(...) O Vinícius entendia que nós mineiros vivíamos metidos com os olhos para dentro de nós mesmos, “enclausurados em nossa cidade mórbida”. E de novo perguntava: “Por que amais a vossa desolação?” Segundo essa autêntica “receita de homem” que o Vinícius nos passou, nós precisávamos naquela altura de um santo remédio. Aqui, está ele, nas palavras meio solenes do poeta: “Precisais de água, a água do mar, a água da mulher, a água da criação. Temeis errar: errai! Temeis desnudar a vossa nudez: desnudai-vos.”

Quatro decênios e picos depois, seria o caso de verificar se o Vinícius tinha razão. E quem sabe até de levantar toda a tempestade em copo d’água que se fez em torno desse (falso) enigma mineiro. Igualzinho ao cinema mudo, que acabou falado e sonoro. Minas também de lá pra cá mudou muito – ou não? Será que continua muda e com horror à sonorização? Será que trabalha (ou não trabalha) em silêncio? Respondam os quem sabem, os que estão perguntando de novo o que é mineiridade. Foi o que eu disse à repórter que me telefonou para falar desse velho tema do (falso) enigma mineiro. A mim já me basta o enigma da Capitu...

Otto Lara Resende - Escritor

MINEIRO: FALA DE MINAS

Nem perto nem longe. Pode o senhor caminhar um estirão dentro de Minas sem achar Minas. Mas também pode ir por aí à toa e quebrando uma esquina ser de repente: Minas Gerais!

Minas é arisca. Olhe: primeiro de tudo tem de tirar. Minas da ideia. Minas salta na frente quando for de gosto.

Dourado, barriga de dourado. Com feijão tombado é principal. Minas pode estar na barriga dum dourado. Peixe soberbo, nadando quieto na bandeja, com os ouropéis da cor, a esperteza do molho.

Qual o quê! Mineiro é ir sempre embora no rasto d'água. Mania d'água! Gaba lagoinha de nada, que o calor vira brejo.

Uma coisa: supremo minasgerais é o céu. O céu com a santaria toda e os anjinhos, lá do lado de dentro. E do lado de fora é o azul derramado, sem dó nem piedade. Um azulão de igreja respeitável, lápis de cor quando menino da gente faz desenho. Assim posto, tem de espiar antes aquele firmamento, um espiar grande, dado. Depois o senhor vai andando, e aí, quem sabe, pode ser que vai mesmo apeando nas gerais da verdade. Se quiser entrar na venda, como se residisse por ali, e adquire um bolinho de feijão. Espairece em Minas.

Sou pobre. Quem sou eu para ver tudo que vai acontecendo! Minas é não explicar, deveras. O melhor do vivente, o mais sabido, é arregalar um olho e puxar a cortininha do outro. Mascar vagarento um pastel. Carro voa depressa, mas estrada, mesmo rodovia alcatroada, vai muito devagar. Caminho é coisa antiga, como a criatura, conformemente.

Minas tem estampas, é estamapda. Pode dar-se que um, um outro, aprecia o belezório da natureza, os *domus aurea* da religião, bordados de jacarandá, o velho bonitíssimo. Mas quem disse que Minas não pode ser uma ladeirinha? Um vento na boca da noite. Pedra é importante, até.

Sabará. Congonhas. Sabará.

Sabará empacou ali porque esqueceram. Largada na correnteza dos dias. Doida, doida de pedra. Parada no encanto, nas miudezas gentis.

Congonhas não. Essa tem a força. Manda em você; e o senhor não entende tudo muito explicado não. Depois de subir o morrinho, no adro, é paz. Paz existente neste mundo, ligeira. Mas antes tem de passar pelo sinedrim daqueles homens grandes profetas fortões. Até o calado azul do céu do congônês é mais duro, mais ciumento, obriga um remorso, sei lá, é uma injustiça encravada.

Houve já justiça? Congonhas responde: Não! Penosamente, é penoso. O senhor acaba confessando um troço no silêncio: só que não sabe o quê. Um erro seu que nem sabe qual deles. À Aleijadim (jádão!) tinha um jeito de adivinhar onde dói a gente.

Onde dói a gente? Na justiça. Acho!

Ouro Preto é pra quem sabe das coisas. Vou só afiançar uma: quando um cidadão de bem encontra Ouro Preto, ele enxerga então aquilo que sabia; que sabia mas não enxergava. Ou se enxergava não contemplava.

O universo, esse é sério. Mesmo se o senhor está ali pertinho, no largo, tomando um trem de nada, uma gasosa fresca, sério é o universo. Feito o fim da gente. Feito música escriturada.

Agora dá-se o seguinte: Ouro Preto nunca pode piorar o sentido de quem vai lá. Penso até no contrário. Forra a ideia. Veste os medos pelados da gente. Liberdade! Se é liberdade, por que viver é uma briga de foice?

O senhor ganha (ou não ganha?) quando perde a ganância de respirar só pra si. Quando pára de ir no que-se-dane. É? Né não?

Vida é aqui dentro igualmente. Ouro Preto, essa ouropretinha engraçada, retumbando no grotão do século, obriga o homem a ficar mais de pé. Se é que não minto. Liberdade. Penso até demais no Alferes.

Mas tem outro feito de Ouro Preto assombrado. Senhor olha janela por onde já olharam os falecidos: onde é, em qual lugar, os olhos acesos acham os olhos apagados? Onde os de cá olham os de lá? O lá ninguém viu. Mas o tempo?! Existe?! Ou é mera ignorância? Onde fica o tempo? Taí, não sei.

Ouro Preto atrapalha. Nunca sei resolver. E penso até demais no Alferes.

Tem um porém. Se engraçar com a Vila Rica, tem de dar um pulo na Mariana. O ribeirão tardonho. Estrelas. Seminário. Mariana. É seleta. Calada. Dá capinzim na pedra, grilo. Sombra devota. Tem o arcebispado a cavaleiro. Andorinha é poemeto. Seleta soneto caladão. Topei com um casal de arcanjos do Paraíso de Cristo soprando as duas trombetas do Juízo: topei num dia de tarde mas de muito, muito sossego.

Simplessim: Mariana pode ser do amigo. É de quem chega e agarra devagarinho.

Umas vergonhas não pejo de confessar: nunca pisei na Diamantina. Guardo ela para um capricho madurão, um desejo de repente. Tenho umas ideias bem lindas de lá.

Bebe-se. Dizem, não sei. Será que vou querer ficar endiabrado no Diamantina? Sou velho de caçoada fácil, mesmo quando não tem lua nem viola. Repare não: Minas não é boa de cocão.

Ah minasgerais minasgerais!

Belzonte muda mais que donzela de busto tem-não-tem. Cheia de brincos, meios pensamentos. Antes só era mais estrelejada. Gozava das roseiras antigas. Valsista.

Variada de passadio, agora. Tem paca. Tem tatu. Tem surubi. Angu bem feito. Tem jacaré. Torresmim. Paca já falei.

Põe reparo o senhor: Minas é de muitos luxos, só quer o de valor, beldade de lombo, pão de queijo quentinho (aos montes), linguiça boa (de encomendazinha)... Excelências... Pinga de colar e aljofre, sincera, sincera... E requeijão, uai!

Minas é sombra-sol. Igual-desigual. Esquisitona. Pois não é que o São Francisco chega até a incomodar as poesias nacionais da brasileirada!

Ferro é despropósito. Dizem. Ouro não sei, sumiu. Vaca. Porco. Lá nas bandas do nariz é marzão de arroz. Boi. Vaca. Montes Claros vale uma prosa. Ubá: gente especial. Município ruim mesmo-mesmo em Minas não tem não. Ou tem? Um distritim aqui, ali. São João del-Rei toca sino dentro de mim até agora (se eu fechar o olho): belo bronze, velho, belo. Jabuticaba feito de Sabará só na Cachoeira do Campo. Hospitaleiro, Oeste. Paracatu é cana, confim. Onça, quá! Passarada! Mais fininho que o ar da Mantiqueira nunca vi. Também quase que não ponho o pé fora de casa.

Dinheiro mineirada sabe o que vale, Sovina. Sovina? É, quem sabe. Minas é grande. Estica o narigão até lá nos infernos, nos brejões. Senhor quer saber duma coisa? Ninguém sabe o valor do que acha: quando caça de coração.

Minas não é entender: aconteceu.

Paulo Mendes Campos - Escritor

MINEIRISMO & MINEIRICE

São João del-Rei é uma das indicações de que o espírito mineiro se define historicamente pela junção da política com a cultura, ou seja, nele, a busca pelo poder não se separa da atração pelo mundo das ideias e pelo esmero de sua expressão formal. Esta é a marcha de nosso processo histórico, que nunca

se desviou, desde a Inconfidência, que constitui a primeira expressão da consciência coletiva em Minas Gerais.

Esta convergência entre formação cultural e ação política provocou uma espécie de curiosidade sobre a maneira de ser dos mineiros, que assume diversos matizes, desde o afetosamente interpretativo, até o caçoista, o crítico e o cáustico demolidor. O feitio mineiro é discutível, pode ser apreciado ou denegrido, pouco importa. Mas não é indeciso nem misterioso. Decorre, repito, da confluência entre o desejo do poder e o gosto das letras, na formação das elites mineiras.

Proponho a análise do conjunto partindo de uma categoria geral, que chamarei a mineiridade, e da individualização dos elementos componentes dessa categoria, aos quais chamarei mineirismo e mineirice.

O conceito da mineiridade se subdivide em mineirismo cultural e mineirice política. Aí tendes a minha proposta de interpretação do espírito mineiro.

Nós, mineiros, temos provocado a curiosidade benévola e o desgosto irritadiço, desde os primeiros tempos da Capitania das Minas Gerais.

Martinho de Melo e Castro, o Ministro português, chamou a atenção do Governador da Capitania, Visconde de Barbacena, sobre a delicada tarefa que era governar os mineiros. O erro de Visconde talvez tenha sido confundir mineirismo com mineirice, ou seja, supor que os devaneios intelectuais dos poetas inconfidentes (mineirismo) eram perigosas manobras políticas (mineirice). O Visconde de Barbacena cometeu esse erro trágico.

Depois da Independência, José Bonifácio de Andrade e Silva usou expressões contundentes para com os mineiros. O sábio Patriarca também carregara na nota da mineirice, sem atentar no mineirismo.

O sábio francês, Saint-Hilaire destaca, principalmente, os aspectos do mineirismo. O que ele diz, por exemplo, sobre a conversa que entreteve com o

Ermitão do Caraça, é prova da cultura deste último. E o Caraça foi uma das últimas chocadeiras da mineiridade. No Primeiro Reinado e na Regência, o mineirismo cultural e político encontra a sua expressão estelar e simbólica em Bernardo Pereira de Vasconcelos. Ninguém mais do que ele, em toda a História de Minas, equilibrou de maneira tão possante a amplidão da cultura com a paixão do poder.

Sucessivamente, no Império e na República, o mineirismo cultural é proclamado por homens como Francisco Otaviano, Pedro Moacir, Alceu Amoroso Lima ou Sílvio Vasconcelos, enquanto a mineirice política é denunciada por Pinheiro Machado, Washington Luís, Rubem Braga, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Carlos Castello Branco, Sebastião Nery e vários outros.

O fato é que o mineirismo cultural e a mineirice política confluem para a síntese histórica da mineiridade, e isto se aplica mesmo àqueles mineiros que não vivem nem no mundo da cultura, nem no da política, mas cuja formação seja acentuadamente mineira. Certo é que existem grandes diferenças de dosagem, no conjunto das personalidades consideradas.

Em alguns mineiros, sempre houve mais mineirismo do que mineirice. Em outros dá-se o contrário. Raro é que mineirismo e mineirice se equilibrem, como acontece nos casos de Antônio Carlos, Afonso Pena Júnior, Afrânio de Melo Franco, Juscelino Kubitschek, Gustavo Capanema ou José Monteiro de Castro. Em Teófilo Otoni, Cesário Alvim, João Pinheiro, Virgílio de Melo Franco, Milton Campos, Edgard da Mata Machado, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Pedro Nava o mineirismo prevalece largamente, quase não há mineirice a não ser para o gasto. Em Nava, Drummond, Alphonsus de Guimarães Filho, Austen Amaro dá-se, mesmo, o caso raríssimo de falta completa de mineirice. Em Juscelino Kubitschek, José Maria de Alkmim, Magalhães Pinto, José Aparecido é a mineirice que predomina. Caso estranho é o de Guilherme Machado: ele finge que só tem mineirice, mas não é verdade; Guilherme tem sólida caderneta de poupança de mineirismo. Uma de suas mineirices é esconder-lhe o saldo.

A minha geração foi pródiga em mineirismo cultural, dentro da mineiridade histórica. Nela incluo, sob esse aspecto, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Milton Campos, Euríalo Canabrava, Guimarães Rosa, João Alphonsus, João Gomes Teixeira, Abgar Renault, Pedro Nava, Gustavo Capanema, Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Dario de Almeida Magalhães, Paulo Pinheiro Chagas. Eis uma galeria imponente, a que falta, talvez, um ou outro retrato. Bem gostaria que fosse o meu próprio. Nela, as tentativas de mineirice política de Milton, Abgar, Dario, Cyro, Pinheiro Chagas, Afonso não convenceram. Recolhamo-nos à nossa histórica insignificância. Deixemos livre o campo da mineirice vitoriosa para Arthur Bernardes, Raul Soares, Bueno Brandão, Antônio Carlos, Mello Vianna, os quais tanto vi na infância ou juventude, ou Juscelino, Alkmin, Magalhães Pinto, José Bonifácio Filho, da minha geração, ou este endiabrado José Aparecido, da geração mais nova.

(...) O ponto sobre o qual desejo insistir, no fecho desta análise, é aquele inicialmente referido, ou seja, o enlace da cultura com a política, do mineirismo com a mineirice, para chegar à síntese da mineiridade.

(...) Nunca houve, na República, concordância maior, entre a escuta do Brasil e a voz de Minas, do que neste ano em que subis à representação oficial daquela voz, Senhor Acadêmico Tancredo Neves.

Em entrevista concedida à revista “Veja”, já eleito Governador, vós apresentais uma interpretação muito aguda e plausível, não cultural mas política, do feito mineiro, ao afirmar: *“Não existe mineiro radical. Nós vivemos onde termina a riqueza do Sul e começa a pobreza do Norte.”*

(...) Senhora Acadêmico Tancredo Neves, pelas vossas origens familiares, pela vossa formação pessoal, pela vossa experiência política, representais exemplarmente a mineiridade, o espírito da terra e do povo de Minas Gerais.

Posse de Tancredo Neves na Cadeira n. 12 - Sessão na Academia Mineira de Letras

MINAS GERAIS É MUITAS

Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada; pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas.

(...) Se são tantas Minas, porém, e contudo uma, será o que a determina, então, apenas uma atmosfera, sendo o mineiro o homem em estado minasgerais? Nós, os indígenas, nem sempre o percebemos.

(...) Mas esse mineiro se estendeu de lá, no alargado, porque o chão de Minas é mais, expõe maior salto de contrastes.

É a Mata, cismontana, molhada ainda de ventos marinhos, agrícola ou madeireira, espessamente fértil. É o Sul, cafeeiro, assentado na terra-roxa de declives ou em colinas que europeias se arrumam, quem sabe uma das mais tranquilas jurisdições da felicidade neste mundo. É o Triângulo, avançado, forte, franco. É o Oeste, calado e curto nos modos, mas fazendeiro e político, abastado de habilidades. É o Norte, sertanejo, quente, pastoril, um tanto baiano em trechos, ora nordestino na intratabilidade da caatinga, e recebendo em si o Polígono das Secas. É o Centro corográfico, do vale do Rio das Velhas, calcáreo, ameno, claro, aberto à alegria de todas as vozes novas. É o Nordeste, dos chapadões, dos campos-gerais que se emendam com os de Goiás e da Bahia esquerda, e vão até ao Piauí e ao Maranhão ondeantes.

Guimarães Rosa - Escritor

O DESBRAVADOR DAS GERAIS

MORRE! tu viverás nas estradas que abriste!

Teu nome rolará no largo choro triste

da água do Guaicuí... Morre, Conquistador!

Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares

subires e, nutrindo uma árvore, cantares

numa ramada verde entre um ninho e uma flor!

Morre! germinarão as sagradas sementes

das gotas de suor, das lágrimas ardentes!
Hão de frutificar as fomes e as vigílias!
E um dia, povoada terra em que te deitas,
quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas
quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,

Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,
no esto da multidão, no tumultuar das ruas,
no clamor do trabalho e nos hinos da paz!
E, subjugando o olvido, através das idades,
Violador dos sertões, plantador de cidades,
dentro do coração da pátria viverás!

Olavo Bilac - Poeta

PRECE DE MINEIRO NO RIO

ESPÍRITO de Minas, me visita,
e sobre a confusão desta cidade
onde voz e buzina se confundem,
lança teu claro raio ordenador.
Conserva em mim ao menos a metade
do que fui de nascença e a vida esgarça:
não quero ser um móvel num imóvel,
quero firme e discreto o meu amor,
meu gesto seja sempre natural,
mesmo brusco ou pesado, e só me punja
a saudade da pátria imaginária.
Essa mesma, não muito. Balançando
entre o real e o irreal, quero viver
como é de tua essência e nos segredas,
capaz de dedicar-me em corpo e alma,
sem apego servil ainda o mais brando.
Por vezes, emudeces. Não te sinto
a soprar da azulada serrania

descubraminas.com

onde galopam sombras e memórias
de gente, que de humilde, era orgulhosa
e fazia da crosta mineral
um solo humano em seu despojamento.
Outras vezes te invocam, mas negando-te,
como se colhe e se espezinha a rosa.
Os que zombam de ti não te conhecem
na força com que, esquivo, te retrais
quanto mais te penetra a realidade.
Desprendido de imagens que se rompem
a um capricho dos deuses, tu regressas
ao que, fora do tempo, é tempo indefinido,
no secreto semblante da verdade.
Espírito mineiro, circunspecto
talvez, mas encerrando uma partícula
de fogo embriagador, que lavra súbito,
e, se cabe, a ser doidos nos inclinas:
não me fujas no Rio de Janeiro,
como a nuvem se afasta e a ave se alonga,
mas abre um portulano ante meus olhos
que a teu profundo mar conduza, Minas,
Minas além do som, Minas Gerais.

Carlos Drummond de Andrade - Poeta

MINAS & AS MULHERES GUERREIRAS

A lenda da mulher guerreira, encarnada pela personagem Diadorim, em Grande Sertão: Veredas, aparece, por exemplo, na China. Lá, o seu nome era Hua Mulan. Quando a moça viu seu país ameaçado pelos tártaros e seu velho pai impotente para a luta, vestiu-se de guerreiro e durante 12 anos enfrentou os inimigos. Quando veio a vitória final, ela pôde voltar às suas vestes femininas.

Guimarães Rosa conhecia essa e outras lendas. Tanto é que, na novela “Uma Estória de Amor” uma personagem se refere a um “príncipe que tinha ido

guerrear gente ruim, três longes da porta de sua casa, e fora ficando gostando de outro guerreiro, Dom Varrão, que era uma moça disfarçada de homem”. O príncipe fica atordoado por estar se apaixonando por um homem e vai se confessar à rainha dizendo: “Os olhos de Dom Varrão é de mulher, de homem não!” Mas a rainha ensina ao filho alguns estratégias para testar a feminilidade de Dom Varrão e a estória acaba bem. Aliás, como prova de que Rosa conhecia bem esse tema, o seu personagem Riobaldo se refere ao livro Saint Clair das Ilhas, que é conhecido no interior do Brasil e que conta uma lenda semelhante.

Na China, contudo, aparece a narrativa da donzela guerreira com uma variante curiosa, pois ela não é donzela e sim concubina. Trata-se de Liang Hongvu, que, entediada com os jogos do amor, começou a se aplicar às artes marciais, e, quando irrompe o conflito com os tártaros, sai à frente dos exercícios, revertendo aquela situação clássica de que as prostitutas serviam apenas para “repouso do guerreiro” no entreato das batalhas. Joana D’Arc teve que enfrentar este problema das prostitutas que acompanhavam seus exércitos, e alegando que a causa da liberação da França era sagrada, exigia que os soldados lutassem castamente. E, recentemente, Vargas Llosa em Pantaleão e as Visitadoras atualiza esse tema contando as façanhas do exército peruano e as prostitutas na Amazônia.

Poucos brasileiros sabem que além de Maria Quitéria, que lutou pela Independência, uma outra brasileira – Maria Úrsula de Abreu Lencastre, se distinguiu nas armas. Em 1700 entrou para a armada portuguesa com o nome de Baltasar: Lutou em Moçambique e Goa. Mas, como ocorre nas lendas, também na vida real ela sucumbiu ao amor. Apaixonou-se por um capitão, com quem se casou. Mesmo depois de tudo descoberto, manteve seu prestígio, recebendo honras de D. João V. Essa estória parece com a de uma portuguesa: Antônia que virou Antônio Rodrigues, e em torno de 1600 fugiu de casa, virou soldado e depois de muitos anos na batalha se apaixonou por um “moço militar”. O problema de Antônia / Antônio é que tanto os homens quanto as mulheres se apaixonavam por ele/a, devido à sua beleza. Mas casou com um colega de armas e acabou também homenageada por Felipe II.

Mas essa temática não para de surpreender. Guimarães Rosa preferiu a versão clássica: o velado amor entre um soldado homem e um soldado mulher.

Afonso Romano de Sant'Anna - Escritor.

O JATOBÁ & O BANDEIRANTE

Entronado no alto, bem no alto do morro, em meio da chã que lhe remata o cimo, eis o velho jatobá, a grande árvore anosa, imponente de ancianidade e de força.

Fincado no pedestal do morro, cujo sopé o córrego lambe em carícias flexuosas de serpente, ei-lo, ereto, rugindo quando salteado pela matilha dos ventos, que lhe arranca nas investidas farrapos de musgo.

Nas longas invernias, quando seu pedestal amarelece e as grossas raízes parecem músculos retesados em pugnas ciclópeas, tomá-lo-eis por um asceta, pousado no píncaro do monte qual falcão bravio, bramindo sempre, na sociedade dos caminhos, contra a pequenez das almas e das coisas terrenas diante da imensidade de Deus.

Pelas manhãs estivais, quando enroupa seu pedestal a verdura fagueira das moitas e dos arbustos, é antes um grande ídolo indiático – divindade protetora dos rios e devesas, das fontes soluçantes e dos passarinhos.

Então seus grandes braços hirsutos distendem fora da túnica das folhas, e não mais assaltos de ventania, nem rugidos de raiva nas lutas com a borrasca, mas descantes misteriosos de auras, dulcis apaziguadoras de insetos brilhantes. Nessas manhãs estivais, sua postura é de prece, serena e mística, em grande êxtase hierático para o azul...

Por que “árvore do pranto?” É o nome que lhe deram os caminantes, como ponto tradicional de separação.

Não longe, demora a pequena cidade sertaneja: e todos os filhos que deixam seu regaço em busca de fortuna noutras terras sabem que o jatobá à beira do caminho é o marco miliário onde começa a saudade, porque é o último ponto de onde a vista pode adregar o casal branco e a velha ermida de sua terra. É o último ponto para divisar ainda o cemitério enxameado de pequenos mausoléus brancos, a praia cascalhosa, a que se dirigem todas as tardes as aguadeiras modernas, com seus púcaros de barro na cabeça e a mão nos quadris.

Também é o ponto extremo a que chegam as cavalgatas acompanhando os que saem em demanda de novas paragens.

Aí se fazem as despedidas, aí corre o pranto, estreitam-se abraços, e muita e muita vez trocam-se olhares cheios de ânsia e mágoa com o presentimento de decepções futuras.

Conta a lenda que junto da árvore centenária morrera um forasteiro vindo de longe, da bandeira do Anhanguera, no meio do gentio goiá.

Acometera-o a malária, quando, depois de vencidos mil perigos, ganhara a estrada de Piratininga.

A montaria tinha-a ele abandonado, nas margens do Rio São Marcos, por exausta de forças; e pálido, trôpego, com uma tenacidade heróica, continuou a derrota, alimentando-se de cobras e batráquios, frutos silvestres e a caça raríssima que suas flechas, despedidas por um braço amortecido, conseguiam abater.

Junto do jatobá gigante, testemunha de dramas inomeáveis, desde o idílio das juritis até o banditismo dos jaguares, desde a florescência das laranjeiras-do-campo até aos grandes incêndios das florestas ateados pelo corisco no meio das tempestades, desde o defluir do lacrimal onde o passaredo beberica, espadanando gotas d'água sobre a plumagem oleosa até ao senhoramento dos campos e leziras pelas cheias rugidoras, com cadáveres de velhos troncos

sobrenadando, junto do jatobá gigante desfaleceram as forças ao moço bandeirante.

Tiritou, tiritou por muito tempo, espojando-se na terra, mordendo a relva tenra, escarvando com o tacão do coturno de mateiro o solo endurecido, e, com a boca em fogo, os lábios rachados de febre e sede, os olhos coruscantes, gemeu fundamente, como se deprecara, numa prece suprema, a assistência divina a seu martírio.

A fonte, que escorria pela frincha de uma rocha entre samambaias e fetos bravos, não lhe pode desalterar na hora derradeira... E assim arrancou-se da vida.

Afonso Arinos - Escritor

OS HOMENS DE MINAS: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

PENA (Afonso Augusto Moreira) – ex-presidente da República, mineiro de Santa Bárbara (então Vila de Santa Bárbara do Mato Dentro), onde nasceu a 30 de novembro de 1847, faleceu na cidade do Rio de Janeiro a 14 de junho de 1909.

Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1870, na turma de Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Castro Alves e Rodrigues Alves.

Durante a monarquia exerceu funções ministeriais, elegendo-se também deputado Provincial (1874-1879) e deputado geral (1878-1889). Foi também conselheiro do Império e com a República retirou-se temporariamente da vida pública.

Exerceu a presidência de Minas Gerais, de 1892 até 1897, construiu a nova Capital do Estado. Foi senador estadual e vice-presidente da República, cumprindo o mandato de presidente da República durante o período de 1906 a 1909. Demonstrou grande preocupação com o ensino profissional e técnico e

empenhou-se no desenvolvimento ferroviário, com a construção de estradas de ferro que interligassem todos os Estados e a ligação telegráfica, através de Cândido de Rondon, entre a Capital Federal com a Amazônia. Resolveu questões de limites com a Colômbia e Venezuela e a Guiana Inglesa.

BRÁS (Wenceslau Pereira Gomes) – ex-presidente da República, mineiro de Brasópolis (então São Caetano da Vargem Grande, Distrito de São José do Paraíso), onde nasceu a 26 de fevereiro de 1868 e faleceu em Itajubá em 15 de maio de 1966.

Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1890.

Foi promotor público em Monte Santo de Minas, tendo sido vereador, presidente da Câmara e agente executivo Municipal (atual, cargo de prefeito), em 1892-1894.

Elegeu-se, por diversos mandatos, deputado à Câmara Estadual e deputado Federal, tendo tido papel destacado durante o governo do presidente do Estado, Silviano Brandão.

Exerceu a presidência de Minas Gerais, 1909/1910, dando seguimento às realizações modernizadoras empreendidas pelo falecido presidente João Pinheiro.

Foi vice-presidente na gestão Hermes da Fonseca e presidente da República durante o quadriênio de 1914/1918. Sancionou o Código Civil brasileiro e decretou, em 1917, o estado de beligerância contra a Alemanha.

BERNARDES (Artur da Silva) – ex-presidente da República, mineiro de Viçosa (então Vila de Santa Rita do Turvo), onde nasceu a 08 de agosto de 1875, faleceu no Rio de Janeiro a 23 de março de 1955.

Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de São Paulo, dedicando-se em Viçosa às atividades advocatícias e à condução dos negócios públicos. Foi deputado junto à Assembléia Legislativa e à Câmara Federal e secretário de Estado durante o governo de Bueno Brandão.

Eleito presidente de Minas para o quadriênio de 1918/1922, desenvolveu ação de governo da seguinte forma: a) povoamento do território do Estado, promovendo a fixação nele do colono nacional e estrangeiro; b) desenvolvimento dos meios de transportes; c) melhor convivência entre o capital e o trabalho. “De sua orientação política resultou uma nova mentalidade entre os dirigentes mineiros da década de 1920. A preocupação com o desenvolvimento econômico passou a constituir uma tônica de todos os governos que o sucederam”.

Exercendo, a seguir, a suprema magistratura do País sofreu constante ameaça de sublevação militar, governando em constante estado de sítio.

A gestão presidencial de Bernardes caracterizou-se por modificação nas políticas monetária, fiscal e do café. Na reforma constitucional, de 1926, fixou-se a obrigatoriedade da prestação anual de contas pelos Estados à União. Criou-se o Conselho Nacional de Trabalho e instituiu-se a lei de imprensa.

Elegeu-se senador por duas vezes e, inconformado com os rumos do regime implantado por Vargas, participou da Revolução Constitucionalista, de 1932, tendo sido exilado em Portugal.

Signatário do “Manifesto dos Mineiros”, elegeu-se por diversas vezes à Câmara dos Deputados, assumindo postura nacionalista: denunciou os acordos de Washington, de 1942, como lesivos ao País, os quais facilitaram a ingerência estrangeira sobre o minério de ferro brasileiro; favorável ao monopólio estatal do petróleo, ele advertia sobre as constantes ameaças de internacionalização e desmembramento da Amazônia brasileira.

KUBITSCHEK (Juscelino de Oliveira) – ex-presidente da República, mineiro de Diamantina, onde nasceu a 12 de setembro de 1901, faleceu vítima de acidente automobilístico na via Dutra, a 22 de agosto de 1976.

Foi médico da Força Pública Mineira e participou da campanha militar que sufocou a Revolução Constitucionalista Paulista, onde ficou conhecendo o delegado Federal na região, o futuro Interventor e Governador de Minas, Benedito Valadares, que o introduziu na vida pública, nomeando-o chefe de gabinete do Governo.

Elegeu-se, em 1934, deputado Federal pelo Partido Progressista e foi nomeado prefeito de Belo Horizonte, em 1940. Durante a gestão municipal, Juscelino promoveu o asfaltamento da Capital e, com ajuda do arquiteto Oscar Niemayer, construiu o conjunto paisagístico denominado de Pampulha.

Construiu museus e promoveu as artes, fundando a escola de pintura do Parque Municipal e colocando em sua direção o renomado pintor Alberto da Veiga Guignard. Promoveu a vinda a Belo Horizonte do sábio alemão, Curt Lange, que, após apurados estudos musicológicos, descobriu a música erudita de Minas Gerais do século XVIII.

Com o fim do Estado Novo, Juscelino cumpriria mandato junto à Câmara dos Deputados, sendo eleito governador de Minas Gerais, em 1950.

Juscelino Kubitschek criou a CEMIG para aplicar na prática o lema, a ele sugerido pelo historiador Pedro Calmon, que garantiu sua vitória eleitoral: *energia e transporte*.

Como resultado das negociações com investidores alemães de Dusseldorf, Juscelino conseguiu que a Mannesmann se instalasse na Cidade Industrial.

Sua visão desenvolvimentista era pragmática e não incluía restrições ideológicas, surgindo as seguintes indústrias: Fertisa (fertilizantes), Frimisa (carnes); reorganizou também o Departamento de Estradas de Rodagem –

DER/MG. O DER iniciou a implantação de três estradas-tronco com vias radiais de conexão.

Deixou o governo de Minas Gerais para disputar a presidência da República, sendo eleito em 1955.

Contando com capital japonês e europeu, criou o parque automobilístico nacional, a Cia. Hidrelétrica de Furnas, a construção da nova Capital brasileira, o lançamento de modernas rodovias cobrindo todo o território brasileiro e muitas e muitas outras obras de vulto que fizeram de seu quadriênio de governo o mais profícuo dos governos da República.

Juscelino Kubitschek foi surpreendido pelo movimento militar de 1964 em plena campanha presidencial visando à sucessão do deposto presidente João Goulart, sendo cassado e exilado e vindo a falecer em 1976.

NEVES (Tancredo de Almeida) – ex-presidente da República, mineiro de São João del-Rei, onde nasceu a 4 de março de 1910 e faleceu em São Paulo, a 21 de abril de 1985.

Sua família paterna possuía tradição firmada na vida política local e, após bacharelar-se pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, Tancredo Neves foi promotor de Justiça, vereador e presidente da Câmara Municipal de sua terra.

Com o final do Estado Novo, elegeu-se em 1947, deputado à Constituinte mineira. Ministro da Justiça do governo constitucional de Vargas, Tancredo Neves sempre esteve à frente das principais articulações da vida política do País, participando ativamente de todo o processo que elegeu e que, mais tarde, sustentaria o presidente Juscelino Kubitschek.

Derrotado nas suas pretensões ao governo mineiro, em 1960, Tancredo Neves aceitou a indicação para chefiar, como primeiro-ministro, o primeiro gabinete do regime parlamentarista, implantado após a renúncia do presidente Jânio Quadros.

Com o regime militar, Tancredo Neves mantém-se fiel às forças políticas que foram vencidas pelo golpe militar e, no Congresso Nacional, procurava controlar as investidas totalitárias do novo regime.

Eleito governador de Minas Gerais, após a abertura, foi o candidato às eleições presidenciais que indicariam o sucessor do último presidente do ciclo militar, João Batista de Figueiredo. Apesar de indicado presidente da República pelo Colégio Eleitoral, Tancredo Neves não tomou posse no cargo por ter sido acometido de grave doença o que veio a ocasionar sua morte.

FRANCO (Itamar Augusto Cautiero) – ex-presidente da República, mineiro de Juiz de Fora, que apenas não nasceu na referida cidade a 28 de junho de 1928 por motivo de viagem ocasional de sua mãe à cidade de Salvador.

Engenheiro e empresário, Itamar Franco iniciou sua carreira política como prefeito de Juiz de Fora, na legenda do antigo MDB, sendo reconduzido para o cargo no período seguinte. Renunciou, entretanto, à prefeitura da referida cidade para disputar vaga no Senado, quando foi eleito no pleito considerado como o início da reação parlamentar das oposições ao regime militar brasileiro. Conseguiu renovar o seu mandato senatorial. Itamar Franco foi derrotado ao governo de Minas Gerais.

Disputou a presidência da República na chapa encabeçada por Fernando Collor de Melo. Com o “impeachment” de Collor, Itamar Franco assumiu a presidência da República e desenvolveu ação de governo no sentido de sanear a economia do País, flagelada pelo drama da espiral inflacionária.

CARDÁPIO COM SABOR DE MINAS

Por ser cataguasense, eu não vos falo
de mexilhões, tainhas ou garoupas,
de robalos, enchovas ou badejos
que do mar provêm;
mas de bagres, dourados e traíras,

de ariscos lambrais, ou de piabas,
que os rios têm.

Nem de polentas, mas do angu mineiro,
nem de presuntos, mas do bom torresmo
(ah! quem não gosta de torresmo, quem?!),
das linguiças tostadas, dos chouriços
e dos queijos do Serro – o velho Serro
de Teófilo Otôni... e de queijeiros
também.

Das travessas de frango, das farofas,
do feijão de tropeiro, e desse lombo
(eu disse lombo: vós ouvistes bem!),
de cujos lanhos, cáldo, se evola
um penetrante aroma – aquele aroma
que lembra a Casa Grande, e vem de longe:
da infância vem.

Da pinga sertaneja – a cachacinha,
que nem parece pinga, de tão pura
(contém pureza: nada mais contém),
e ganha nomes, como “talagada”,
“cura-gogo”, “dengosa”, “mata-bicho”,
e o mais doce de todos, o mais doce:
que é “meu bem”.

Das panelas de pedra, que fumegam
nas velhas trempes dos fogões de lenha,
e à mesa vêm,
para servir o arroz – o arroz do brejo
com banana da terra – uma iguaria,
que é tradição em casa de mineiros:
de mais ninguém.

Tendes água na boca... E eu vos pergunto:

- Nesta cidade estranha em que vivemos
(ou morremos, conforme disse alguém),
quem nos daria um tico de torresmo,
ou sequer um martelo de aguardente,
mas torresmo e aguardente de verdade:
quem?

Enrique de Rezende - Poeta

PRATO MINEIRO

Tome nota
deste prato mineiro
mas prepare primeiro
o seu paladar.

O prato é de dar
água na boca.

E não pouca.

Tempero mineiro:

alho – cebola – cebolinha

verdinha

e pimentão.

Uma porção

De sal e molho de salsa.

Depois farinha

de mandioca

torradinha

e feijão preto

bem amassado.

Tudo misturado

cuidadosamente.

Encha uma panela (de ferro)

para cozinhar a mistura

lentamente.

Você vai ver
Que gostosura!
Pronto.
É só comer,
comilão!
Ah! não se esqueça
do toucinho
de barriga
para os tentadores
torresmos.
Por cima
coloque os mesmos
e também ovos cozidos
em rodela
numerosas.
Além de belas são deliciosas.
Sinta o cheiro
primeiro.
Depois
coma à vontade
em profusão
esse delicioso e mineiro
tutu de feijão.

Delson Gonçalves Ferreira - Escritor

BURITI PERDIDO

Velha palmeira solitária, testemunha sobrevivente do drama da conquista, que de majestade e de tristura não exprimes, venerável epônimo dos campos!

No meio da campina verde, de um verde esmaiado e merencório, onde tremeluzem às vezes as florinhas douradas do alecrim do campo, tu te ergues

altaneira, levantando ao céu as palmas tesas, - velho guerreiro petrificado em meio da peleja!

Por que ficaste de pé, quando teus coevos já tombaram?

Nem os rapsodistas antigos, nem a lenda cheia de poesia do cantor cedo da Ilíada comovem mais do que tu, vegetal ancião, cantor mudo da vida primitiva dos sertões!

Atalaia grandioso dos campos e das matas - junto de ti pasce tranquilo o touro selvagem e as potranças ligeiras, que não conhecem o jugo do homem.

São teus companheiros, de quando em quando, os patos pretos que arribam ariscos das lagoas longínquas em demanda de outras mais quietas e solitárias, e que dominas, velha palmeira, com tua figura erecta, queda e majestosa com a de um velho guerreiro petrificado.

As varas de queixadas bravias atravessam o campo e, ao passarem junto de ti, Talvez por causa do ladrido do vento em tuas palmas, redemoinham e rangem os dentes furiosamente, como o rufar de tambores de guerra.

O corcel lobuno, pastor da tropilha, à sombra de tua fronde, sacode vaidosamente a cabeça para arrojar fora da testa e crina basta do topete, que lhe encobre a vista; relincha depois, nitre com força apelidando a favorita da tropilha, que morde o capim mimoso da margem da lagoa.

Junto de ti, à noite, quando os outros animais dormem, passa o canguçu em monteiria; quando volta, a carne da preá lhe ensanguenta a fauce e seu andar é mais lento e ondulante.

Talvez passassem junto de ti, há dois séculos, as primeiras bandeiras invasoras; o guerreiro tupi, escravos dos de Piratininga, parou então extático diante da velha palmeira e relembrou os tempos de sua independência, quando as tribos nômades vagavam livres por esta terra.

Poeta dos desertos, cantor mudo da natureza virgem dos sertões, evoé!

Gerações e gerações passarão ainda, antes que seque este tronco pardo e escamoso.

A terra que te circunda e os campos adjacentes tomaram teu nome, ó epônimo, e o conservarão.

Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longínqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de soco, velho Buriti Perdido. Então, como os hoplitas atenienses cativos em Siracusa, que conquistaram a liberdade enternecendo os duros senhores à narração das próprias desgraças nos versos sublimes de Eurípedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a própria destruição, comprando teu direito à vida com a poesia selvagem e dolorida que tu sabes tão bem comunicar.

Então, talvez, uma alma amante das lendas primevas, uma alma que tenhas movido ao amor e à poesia, não permitindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento às gerações extintas, uma página sempre aberta de um poema que não foi escrito, mas que reverbe na mente de cada um dos filhos desta terra.

Afonso Arinos - Escritor

O Hino de Minas Gerais (Oh! Minas Gerais)

Domínio Público

Oh! Minas Gerais!

Oh! Minas Gerais!

Quem te conhece não esquece jamais.

Oh! Minas Gerais!

Lindos campos batidos de sol
Ondulando num verde sem fim
E montanhas que à luz do arrebol
têm perfume de rosa e jasmim

Vida calma nas vilas pequenas
Rodeadas de campos em flor
Doce terra de matas amenas
Paraíso de sonho e de amor

Oh! Minas Gerais!
Oh! Minas Gerais!
Quem te conhece não esquece jamais.
Oh! Minas Gerais

Lavradores de pele tostada
Boiadeiros vestidos de couro
Operários da indústria pesada
Garimpeiros de pedra e de ouro

E poetas de doce memória
E valentes heróis imortais.
Todos eles figuram na história
Do Brasil e de Minas Gerais.

Oh! Minas Gerais!
Oh! Minas Gerais!
Quem te conhece não esquece jamais.
Oh! Minas Gerais

descubraminas.com